

CAMINHANTES

André Luiz Covre¹

VOESE, Ingo. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo : Cortez, 2004.

SENTADOS À BEIRA DO CAMINHO

O contexto mais específico desenhado no início da obra de Ingo Voese, possibilitado precisamente a partir da leitura da *Introdução* e do *Capítulo 1 – Da língua ao discurso*, é o da crise da Análise do Discurso. Voese não se propõe a analisar essa crise profundamente, mesmo explorando alguns de seus pontos mais críticos: “dificuldade muito grande para se passar da fase de conceituação do objeto – o discurso – para a análise propriamente dita”; divergências teóricas em relação a questões como a de ideologia e a de subjetividade; dificuldade de superação de “certas polêmicas – às vezes, até pertinentes, outras, nem tanto”. O autor também não procura criticar a Análise do Discurso apenas porque, logo de saída, ele marca uma postura marxista diferente daquela que essa disciplina historicamente vem escolhendo. Trata-se mais de expor aquela compreensão do caminhante que, sentado à beira do caminho, olha para os passos que já deu e os avalia, tão preocupado com o horizonte que se abre no outro, lado quanto com as dificuldades encontradas até aquele ponto.

É aqui que me sento ao seu lado e deixo meu olhar tentar apreender um contexto mais amplo, aquele em que, esgotada a última grande transformação nos estudos da linguagem (aquela que tentou nos levar da língua ao discurso), trabalhamos (estudiosos da linguagem e educadores) entre uma Análise do Discurso hegemônica – que, segundo Voese, “pouco ou nada” beneficiou o Ensino Fundamental e Médio – e o crescimento violento do gramaticismo fundado no estruturalismo lingüístico extremista como a panacéia nacional... resquícius talvez de uma longínqua herança discursiva iluminista.

Esses dois contextos, reconstruídos pelo encontro com esse livro, me parecem ser fundamentais para compreender a importância das principais propostas do autor: oferecer um estudo introdutório para os que atuam nas aulas de Língua Portuguesa e que procuram realizar, tanto nas atividades pedagógicas como nas atividades de estudo

e pesquisa, uma Análise do Discurso “que siga orientações diferentes da escola francesa” e apontar atividades de ensino dentro desse quadro teórico diferente.

É na *Introdução* que Voese esclarece a fuga das “armadilhas estruturalistas” do marxismo, buscando referências teóricas diferentes da hegemonia conquistada pelo pensamento de Althusser, Foucault e Pêcheux dentro da disciplina Análise do Discurso (e também de Bourdieu) e se orienta pelo materialismo histórico/dialético encontrado em Bakhtin, Lukács, Heller, Mészáros, Goldmann e Markus.

Essa busca leva o autor a formular duas teses pontuais que vou me permitir repetir, na medida em que esclarecem a diferenciação enfatizada pelo autor:

Tese 1: a função da linguagem (e do discurso) não se reduz à comunicação, tomada como um fim em si.

Tese 2: não há discurso sem língua e não há língua sem discurso, não há acontecimentos sem atos de sujeitos e não há atos fora do acontecimento, não há sujeito livre nem assujeitado e, por isso, o discurso é produto e processo, a língua é reflexo e refração, instituído e instituinte, generalização e possibilidade de singularização, prisão e liberdade dos usuários.

As duas teses provocam o *Capítulo 1 – Da língua ao discurso*. Voese problematiza as principais concepções dos estudos da linguagem, levando o leitor a uma leitura especialmente bakhtiniana das idéias de *língua, ato de fala, evento cultural e acontecimento*. O caminho percorrido leva à noção de *mediação* e à defesa do jogo entre a *língua como reflexo* e o *discurso como refração*.

Especialmente bakhtiniana porque não exclui as principais idéias dos pensadores da lingüística moderna. Durante esses diálogos, Voese vai produzindo desmistificações e ressignificando cada conceito que trabalha: as considerações sobre o “dito” de Ducrot e a conclusão de Frege sobre o “sentido social”; a contribuição de Austin e Searle para a teoria dos *atos de fala*, reforçando a impossibilidade de pensar a língua apenas como um objeto utilizado para transmitir informações; ao trazer Gnerre para o diálogo, a ampliação dessa reflexão para o campo dos *eventos culturais* e para as considerações sobre a relação da linguagem com o poder; a proposta de Bakhtin da necessidade de um “horizonte social definido”, a partir das idéias de “situação social mais imediata” e “meio social mais amplo”; a relação intrínseca entre discurso e acontecimento; a

reafirmação fundamentada dos discursos como “necessariamente” dialógicos e o conceito de polifonia; o trabalho com uma concepção de ideologia diferente da de “falsa consciência”; e por fim, a exposição dos exemplos de como as relações humanas se materializam como reflexo na língua, e se concretizam como refração a partir da mediação.

Esse quadro que, pela apresentação limitada nessa resenha, pode aparentar um peso teórico demasiado, na verdade se apresenta como o respiro necessário daquele caminhante à beira do caminho. Vale ressaltar o esforço do autor para desenvolver um texto com profundidade teórica precisa, ou seja, nada que ultrapasse o objetivo principal de rever as passadas realizadas até o momento pela estrada dos estudos da linguagem e apresentar um arcabouço mais limpo de divergências desnecessárias para, no segundo momento, levantar o corpo e se animar a tomar o caminho novamente.

EM PÉ, DE BRAÇOS DADOS

O Capítulo 2, *Discurso e subjetividade*, chega como um abraço forte daquele que quer ajudar na retomada da caminhada, enlaçando o leitor e o empurrando para frente. Percebe-se, no entanto, que esse abraço é uma necessidade, significando uma retomada difícil e não óbvia.

O capítulo 2 é um capítulo tão importante quanto complicado. Ao mesmo tempo em que o autor assume a importância de apresentar ao leitor a necessidade de uma reformulação radical da noção de subjetividade e, conseqüentemente, da noção que cada um têm de si próprio e da sua relação com os outros, da noção de consciência e do que é “ser” no mundo, o 2º capítulo apresenta-se como uma espécie de obstáculo inerente a esse leitor que, no início, se definiu inclinado a encarar novas propostas de trabalho com a linguagem.

Talvez caiba um questionamento particular nesse momento: se a presença do primeiro capítulo demonstra não parecer ser possível iniciar um caminho novo sem rever as principais noções construídas pela lingüística moderna, o segundo capítulo demonstra não parecer ser possível promover uma virada das propostas de trabalho com o ensino de língua portuguesa sem a revisão profunda das noções de **consciência** e **interação**, mais ou menos como propõe Voese, na medida em que se fundamenta na

filosofia bakhtiniana de linguagem em diálogo direto com o pensamento de Lukács e Heller.

Não se faz necessária uma resposta simplesmente negativa/positiva, mas, na medida em que vemos no início do terceiro capítulo (*Análise do Discurso: uma proposta* – o capítulo em que o autor irá apresentar a proposta de trabalho com a Análise do Discurso) o retorno da oposição teórica em relação às posições marxistas “radicalmente anti-subjetivistas” e de “ranço estruturalista”, tal questionamento é ampliado e reforça a tese de que as noções de língua e discurso precisam ser redirecionadas para posições que considerem a subjetividade como parte intrínseca das condições de produção dos discursos e a língua não como estrutura, mas como recursos relativamente estáveis em relação de reflexão e refração com os discursos.

Portanto, compreendo que o objetivo de *apresentar ao leitor um estudo introdutório para a realização de uma Análise do Discurso diferente da escola francesa* se apresenta como o tema principal nesse livro, conquistado a partir de uma interlocução específica com uma linha de teóricos marxistas que foi colocada em segundo plano no desenvolvimento científico das ciências humanas do último século e também pela Análise do Discurso desenvolvida no Brasil. O que talvez seja mais grave é a não percepção (ou preocupação) das conseqüências produzidas por essa exclusão.

UMA CAMINHADA COM PASSOS CADA VEZ MAIS DECIDIDOS

Ao promover a re-inclusão de uma teoria marxista dialógica na fundamentação da Análise do Discurso, Voese se permite “marcar um roteiro possível para uma abordagem discursiva do texto”. Assume-se que a proposta de análise de texto apresentada é uma entre outras possíveis e que precisa de críticas e sugestões, principalmente dos professores que atuam no Ensino Fundamental e Médio. Assume-se também que a metodologia proposta tem comprometimentos ideológicos que são, a meu ver, os responsáveis pela avaliação positiva que atribuo a essa proposta.

A noção de cotejamento fortalece a concepção dialógica de linguagem e, conseqüentemente, de texto, promovendo um trabalho não menos formalizado, mas menos engessado, não menos rigoroso, mas menos rígido, com as noções de “dito” e “não-dito”, “enunciante”, “modo de enunciação” e “discursividade”.

Aqui vale salientar que, de forma indireta, a amarração do trabalho teórico e da proposta pedagógica presentes nesse livro de Ingo Voese contribui para a resposta cada vez mais necessária a uma acusação comum que ainda se ouve e se lê a respeito da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin.

Para citar apenas o exemplo mais atual, Dominique Maingueneau, no capítulo primeiro de seu *Gênese dos discursos* (tradução publicada no Brasil em 2005) intitulado de “Primado do interdiscurso”, ressalta que, no “conjunto da problemática da enunciação” “é-se então naturalmente levado a ‘redescobrir’ as pesquisas de ‘precursores’, em particular as do ‘círculo de Bakhtin’, que fazem da relação ao Outro o fundamento da discursividade”.

A caracterização que Maingueneau faz das concepções de linguagem do círculo de Bakhtin, avaliadas negativamente como “variações sobre algumas idéias-força”, “orientação geral”, em oposição à “sistema rigorosamente articulado”, “quadro restrito” e “domínio de validade muito mais preciso”, exemplifica o que se tem dito sobre o tema *estudos bakhtinianos* desde que os escritos de Bakhtin ancoraram no Brasil.

A colocação de Maingueneau sobre a falta de rigor nas obras do círculo de Bakhtin ecoa uma crítica não fundamentada principalmente dos analistas do discurso, algumas vezes aparentando uma leitura ingênua das propostas apresentadas em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, e na maior parte das vezes despreocupada de uma compreensão mais ampla que coloca em conexão intrínseca as obras de Bakhtin e seu Círculo.

Ingo Voese nos ajudar a responder de forma séria e muito positiva a essa crítica, na medida em que vagarosa e cuidadosamente reconstrói uma espécie de arquitetônica bakhtiniana com propósitos muito específicos que nada têm de exaltação de um conceito específico ou de um pensamento generalista, e fortalece uma caminhada que vêm crescendo muito, no mundo e no Brasil, o interesse dos estudiosos da linguagem pelos estudos sobre Bakhtin e pelas obras de Bakhtin.

O último capítulo se apresenta como uma conversa meditativa. Aquela conversa boa, tranqüila, travada entre caminhantes que avaliam alguns últimos pontos que ainda necessitam de tratamento (como, por exemplo, “a situação atual das atividades escolares”) e revisam, com olhares mais distanciados, o roteiro desenvolvido.

O livro *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa* de Ingo Voese não nos tira dos caminhos que trilhamos até agora nem os rejeita. Porém, após nos fazer sentar à beira do caminho e avaliar a caminhada, nos coloca de pé e nos ensina passos mais largos e

mais decididos rumo a horizontes mais humanos no trabalho com o ensino de língua portuguesa e também no trabalho com a pesquisa nos estudos da linguagem.

NOTA

- ¹ Professor Substituto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, Doutorando em Linguística pelo IEL-UNICAMP, Coordenador do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe-UFSCar).